

— Só podes estar a gozar comigo, Ace.

O Monty deixa cair o relatório de avaliação técnica em cima da secretária do quarto de hotel.

— Despediste-o precisamente no dia do jogo? Mas que raio é que vais fazer com o Max? És tu que lanças esta noite.

Fiz questão de trazer o meu filho para esta conversa. Por um lado, porque não tinha com quem deixá-lo e, por outro, porque sabia que o Monty ia ficar furioso por eu ter despedido mais um *babysitter*. Mas também sabia que seria menos difícil se pudesse contar com as bochechas redondas do Max a sorrir-lhe.

— Não sei. Hei de arranjar uma solução.

— Já *tínhamos* uma solução. O Troy não tinha nada de errado.

O caraças que não tinha. Depois do treino matinal com o médico da equipa e os fisioterapeutas, para soltar o ombro antes do jogo de logo, voltei ao quarto e encontrei o meu filho com a fralda num estado lastimável porque devia ter sido mudada há horas. Além disso, passou semanas a bajular os meus colegas em vez de fazer o seu trabalho, e para mim chegou.

— Não era o encaixe certo — limito-me a dizer.

O Monty solta um suspiro longo e rendido, e o Max lança uma gargalhada animada perante o desespero do nosso treinador principal.

Do outro lado da secretária, o Monty fixa-o com o olhar e inclina-se:

— Achaste graça, miúdo? O teu pai está a deixar-me com cabelos brancos.

— Isso é da tua idade, velhote.

O meu filho de quinze meses sorri-lhe de volta, sentado ao meu colo, com os dentinhos de leite a espreitar por entre as gengivas. O Monty deixa cair a postura de durão, como eu esperava, uma vez que o Max é o seu ponto fraco. Aliás, é o ponto fraco de toda a equipa, mas principalmente do homem sentado à minha frente neste quarto de hotel.

O Emmett Montgomery — Monty, como todos lhe chamamos — não é apenas o treinador principal dos Windy City Warriors, a equipa de Chicago da Major League Baseball (MLB). Também é pai solteiro. Nunca me contou os pormenores da sua história, mas duvido muito que tenha sido tão absurda como a minha. A não ser que ele tenha igualmente tido uma aventura com alguém que, quase um ano depois, apareceu vinda do outro lado do país para lhe dizer que era pai e que não queria ter nada que ver com a criança, antes de voltar a desaparecer, deixando-o com um bebé de seis meses nos braços.

Tento não abusar da boa vontade do Monty, que tem feito de tudo, tal como o resto da instituição, para que esta minha nova vida funcione. No entanto, quando se trata do meu filho, recuso-me a fazer cedências em relação a quem cuida dele enquanto trabalho.

— Vou falar com o Sanderson — sugiro, referindo-me a um dos fisioterapeutas. — Ele vai estar na sala de tratamento a noite toda. Posso deixar o Max lá. Desde que ninguém se magoe, aquilo é sossegado. Ele pode dormir.

O Monty esfrega a testa no meio das sobrancelhas, com o polegar e o indicador.

— Kai, estou a fazer o que posso. Estou a dar tudo por ti, mas isto não vai funcionar, se não arranjares alguém de confiança para tomar conta do miúdo.

O Monty só me trata pelo meu primeiro nome quando quer que eu leve mesmo a sério o que está a dizer. Caso contrário, chama-me sempre Ace, tal como toda a gente.

E eu *levo* a sério o que ele diz. Tenho levado desde o início da época, que começou há três meses. Já contratei cinco *babysitters*. E a verdade é que não sei se quero realmente que funcione.

Não sei sequer se quero continuar a jogar basebol.

A única coisa de que tenho a certeza é que quero ser o melhor pai possível para o Max. Neste momento da minha vida, aos trinta e dois anos, e depois de uma década na liga principal, é só isso que importa.

O jogo que amava antes, que via como o centro da minha existência, não passa agora de tempo roubado à minha família.

— Eu sei, Monty. Vou resolver esse assunto quando voltarmos a Chicago. Prometo.

Ele suspira de novo, cansado.

— Se o teu irmão não estivesse também no meu plantel, serias a maior dor de cabeça da minha vida, Ace.

Contenho o riso.

— Tenho noção disso.

— Trocava-te sem pensar duas vezes, se não fosses tão incrivelmente talentoso.

Não consigo evitar uma gargalhada. É mentira. Sim, sou um dos melhores lançadores da liga, mas, independentemente disso, o Monty gosta de mim.

— E se não gostasses tanto de mim — acrescento.

— Vai-te embora e fala com o Sanderson sobre esta noite e o Max.

Levanto-me, encaixo o meu filho na minha anca e viro-me para sair.

— E Max — chama o Monty, atrás de mim, embora o miúdo não perceba —, vê lá se deixas de ser tão irresistível para eu conseguir ralhar com o teu pai de vez em quando.

Reviro os olhos e inclino-me até ao ouvido do Max.

— Diz adeus ao Monty e também que está a ficar rabugento e feio com a idade.

— Tenho quarenta e cinco anos, idiota. Quem te dera ter este aspeto daqui a treze anos.

O Max ri-se e acena ao treinador, sem perceber nada do que estamos a dizer, porém adora o Monty tanto quanto ele o adora.

— Olá! — grita o Max do outro lado da sala.

É quase isso.

— Olá, amigo. — O Monty ri-se. — Até logo, sim?

Nunca pensei sentir-me tão próximo de um treinador como me sinto do Monty. Antes da época passada, jogava nos Seattle Saints, a equipa

que me recrutou e onde passei os primeiros oito anos da minha carreira. Respeitava a equipa técnica e até simpatizava com o treinador principal, mas a nossa relação era puramente profissional.

Foi no período de transferências que vim para esta equipa de Chicago, simplesmente porque o meu irmão mais novo joga aqui. É o titular da posição de interbases nos Warriors e eu tinha saudades de jogar com o desgraçado. Quando conheci o Monty, simpatizei logo com ele, no entanto, a relação tornou-se quase familiar a partir do momento em que o Max apareceu na minha vida, no outono passado. Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente. Foi graças a ele, que compreende o tipo de sacrifícios que é necessário para ser pai solteiro, que esta situação funciona.

Foi ele quem disse à direção que o meu filho iria viajar muito comigo esta época e que não aceitava um não como resposta. Sabia que, se recusassem, eu reformar-me-ia antecipadamente. Recuso-me a ficar meio ano longe do meu filho, depois de a própria mãe o ter abandonado aos seis meses. Ele precisa de alguém estável e presente na sua vida. E não vou deixar que uma coisa tão trivial como um jogo interfira nisso.

Talvez devesse parar de despedir todas as pessoas que contratamos para facilitar a vida ao Monty, mas essa é outra conversa.

O meu irmão, Isaiah, vem a correr pelo corredor e entra no elevador logo atrás de nós. Tem o cabelo castanho-claro desgrenhado, ainda moldado pela almofada onde dormiu. Eu já estou acordado há horas, entre dar o biberão ao Max e treinar logo de manhã, mas aposto que ele acabou de sair da cama.

E aposto que ainda lá está uma mulher nua.

— Então, mano — cumprimenta ele. — Olá, Maxie — acrescenta, enquanto faz o som de um beijo na bochecha do miúdo. — Onde é que vão?

— Vou ver se o Sanderson aceita ficar com ele esta noite durante o jogo.

O Isaiah fica à espera que eu continue.

— Despedi o Troy.

Ele ri-se.

— Céus, Malakai. Podes assumir de vez que não estás minimamente interessado em que isto funcione?

— O Troy era uma desgraça, e tu sabes isso.

O Isaiah encolhe os ombros.

— Quer dizer, prefiro *babysitters* com mamas e vontade de saltar para a minha cama, mas, tirando isso, ele não era assim tão mau.

— És um imbecil.

— Max… — O Isaiah volta-se para o meu filho. — Não gostavas de ter uma tia? Diz ao teu pai que a próxima *babysitter* tem de ser mulher, solteira, entre os vinte e os trinta. Melhor ainda, se ficar irresistível com a minha camisola vestida.

O Max sorri.

— E que não se importe de ser mãe de um homem de trinta anos — acrescento. — Alguém que aceite estar num apartamento nojento, saiba cozinhar e limpar, visto que tu és um homem-criança e recusas fazer qualquer uma dessas coisas.

— Mm, sim, soa perfeito. Fica atento a alguém… — as portas do elevador abrem-se — … assim.

O olhar do meu irmão fica fixo em frente, quando chegamos ao *hall* de entrada.

— Merda, passei o andar do Sanderson. *Raios* — corrijo. — Não digas *merda*, Max.

O miúdo nem liga, entretido a mastigar os dedos e a observar o tio, que está ali parado no meio do elevador, pasmado.

— Isaiah, vais sair ou não?

Uma mulher entra no elevador e fica entre nós os dois, reforçando o estado de choque do meu irmão. Miúdas giras tendem a deixá-lo meio estúpido.

E esta é mesmo bonita.

Tem cabelo castanho escuro e um tom de pele dourado, com tatuagens negras intrincadas. E muita pele à mostra. Veste um *top* minúsculo, ou talvez seja um sutiã, por baixo de umas jardineiras. As coxas, fartas e bronzeadas, ficam à mostra através das bainhas rasgadas. Mas estão limpas, sem a arte que cobre o braço e o ombro.

— Olá — murmura o Isaiah, por fim, entre o atordoado e o enfeitiçado.

Estico o braço atrás dela e dou uma palmada leve na nuca do meu irmão. Aquilo de que ele menos precisa é de mais uma mulher noutra

cidade a ocupar-lhe os pensamentos. Já vivi a vida que ele está a viver agora e posso prová-lo com o filho de quinze meses que trago ao colo. Só me faltava ter o meu irmão mais novo a seguir-me os passos. É como alguém marcar uma desvitalização no dentista por prazer.

— Sai do elevador, Isaiah.

Ele acena, dá meia-volta e recua até ao *hall*, sempre fixo nela.

— Até logo — diz ele, com uns coraçõezinhos nos olhos, que não são para mim nem para o Max.

A mulher no elevador levanta uma das duas Coronas, em jeito de despedida.

— Piso? — pergunta ela, com a voz rouca e grave, antes de humedecer a garganta com um pouco de cerveja. Estende o braço por cima de mim, carrega no botão do piso de onde acabei de vir e olha por cima do ombro, à espera da minha resposta.

Os seus olhos são verde-jade e cheios de perplexidade. Tem um pequeno *piercing* dourado e brilhante no septo do nariz. De repente, percebo por que motivo o meu irmão se transformou num adolescente embasbacado. É que, sem saber bem como, também estou a sentir que sou um.

— Queres que adivinhe? Posso carregar em todos os botões, se quiseres, e fazemos uma viagem de elevador longa e agradável.

O Max estica-se na sua direção, e só então volto à realidade, como se nunca tivesse visto uma mulher bonita na vida.

Viro ligeiramente a anca para evitar que os seus dedinhos se enfiem no cabelo dela, o que me parece bastante divertido neste momento, porém esta mulher não está a beber apenas uma cerveja às nove da manhã de uma quinta-feira… está a beber *duas*.

Aclaro a garganta e carrego eu próprio no botão correspondente ao piso do Sanderson.

A Menina Duas Cervejas Logo ao Pequeno-Almoço atira o cabelo para trás do ombro e retoma o seu lugar ao meu lado, no elevador. Apesar da escolha matinal de bebidas, ela não cheira a álcool. Cheira a bolo. De repente, fico com vontade de comer uma sobremesa.

Pelo canto do olho, vejo-a olhar para o Max com um pequeno sorriso.

— Tens um miúdo adorável.

Tu é que tens tudo adorável, apetece-me responder.

Porém não digo nada. Desde o outono passado que deixei de ser essa pessoa. Já não me dou ao luxo de namoriscar com todas as mulheres bonitas que se cruzam comigo. Não posso emborcar uma cerveja às nove da manhã. Não posso levar uma desconhecida para o quarto do hotel sem sequer saber o nome dela, tendo a perfeita noção de que nunca mais irei vê-la, porque os quartos de hotel que agora frequento estão cheios de berços, cadeiras altas e brinquedos.

E, acima de tudo, não tenho de fazer jogos de engate a *este* tipo de mulheres. Não é preciso ser-se vidente para perceber que ela é do género selvagem.

— Ele fala? — pergunta ela.

— Ele?

Ela ri-se sozinha.

— Estava a falar de ti. Costumas ignorar assim quem te dirige a palavra?

— Ah, não… — O Max tenta agarrá-la outra vez, e viro-me ainda mais para o lado para evitar tocar numa desconhecida. — Desculpa. Obrigado.

O meu filho projeta o corpo inteiro sobre a minha cintura, com os dedos gordinhos a esticarem-se na direção dela. Não sei bem se para lhe tocar ou para tocar numa das cervejas.

Ela solta mais uma gargalhada.

— Se calhar ele percebeu que estás a precisar de uma cerveja.

Ela estende-me a segunda Corona.

— São nove da manhã.

— E então?

— E é quinta-feira.

— Tanto preconceito.

— Responsabilidade — corrijo.

— Céus — diz ela, a rir-se. — O que tu precisas não é de uma Corona, é de algo mais forte.

O que eu preciso é que este elevador ande mais depressa. Mas talvez ela tenha razão. Preciso de uma cerveja. Ou de dez. Ou de umas horas a enrolar-me com uma mulher nua. Já nem me lembro da última vez

que o fiz. Uma coisa é certa: não acontece desde que o Max entrou na minha vida, e isso já foi há nove meses.

— Papá — chama o Max, enquanto me aperta as bochechas antes de voltar a apontar para a mulher.

— Eu sei, amigo.

Não sei de merda nenhuma.

Só sei que o miúdo não para de tentar chegar até ela. O que é estranho, porque, em geral, o Max liga pouco a desconhecidos e menos ainda a mulheres.

Culpo a mãe dele por isso, que o deixou a ser criado por um pai solteiro, um tio inconsequente e uma equipa de jogadores de basebol barulhentos. A única presença feminina consistente tem sido a noiva do meu melhor amigo, e ele demorou a aceitá-la.

Mas, por algum motivo, esta mulher cativa-o.

— Vamos lá, Max — suspiro, ajeitando-o ao colo. — Para de te agitar.

— Eu sei que é estranho dizer isto, mas se quiseres posso segurá-lo enquan…

— Não — disparo.

— Uau.

— Ou melhor, não, obrigado. Ele não se dá bem com mulheres.

— Pois, de onde é que isso terá vindo?

Lanço-lhe um olhar cortante, mas ela encolhe os ombros e dá mais um gole.

O Max ri-se de novo. Sem qualquer razão aparente. Este miúdo está estranhamente fascinado por ela. E este elevador está a demorar uma eternidade.

— Herdaste esse sorriso da tua mãe? — pergunta ela ao Max, enquanto inclina a cabeça e o fita com ternura. — É que não me parece que o teu pai saiba sorrir.

— Muito engraçada.

— Vou fingir que isso não foi sarcasmo e que até tens sentido de humor.

— Ele não tem mãe.

O silêncio instala-se no espaço apertado, denso e imediato, como acontece sempre que digo estas quatro palavras. A maior parte das

pessoas pensa que tocou num assunto delicado por achar que mencionou uma mãe que morreu de forma trágica. Não imagina que, na verdade, ela engravidou sem me contar, apareceu seis meses depois de dar à luz para virar a minha vida do avesso, e desapareceu de vez.

A voz dela muda de tom rapidamente.

— Oh, céus, desculpa. Eu não queria…

— Está viva. Só não está presente.

Vejo, literalmente, o alívio a tomar conta do seu rosto.

— Ah, que bom. Ou melhor, não é *bom*. Ou talvez seja bom? Quem sou eu para saber. Porra, este elevador nunca mais para. — Ela leva a mão à boca, antes de olhar para o Max. — Quer dizer, raios.

Finalmente, rio-me baixinho, deixando escapar um sorriso discreto.

Ela suaviza.

— Ah, afinal ele *sorri*.

— Sorri muito mais quando não está a ser gozado por uma estranha num elevador, que a primeira coisa que faz ao acordar é agarrar em duas cervejas.

— Talvez ela nunca tenha chegado a dormir. — Encolhe mais uma vez os ombros, com o mesmo à vontade.

Meu Deus.

— Talvez devessem parar de falar de si próprios na terceira pessoa como se fossem um casal de imbecis pretensiosos.

As portas do elevador abrem-se, finalmente, no piso dela.

— Talvez ele devesse aprender a relaxar de vez em quando. Tem um filho adorável e um sorriso ainda melhor, quando o deixa aparecer. — Ela levanta a Corona na minha direção, bebe o resto de um trago e sai. — Obrigada pela boleia, Papá. Foi… interessante.

Foi mesmo.